

Resenha

A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura
(BAITELLO, Junior Norval. São Paulo, Editora Paulus, 2014)

Mercicleide Ramos de Almeida ASSIS¹

Vivemos a era da visibilidade, reprodutibilidade, das conexões, do imediato, da proliferação e domínio das imagens. A princípio, nosso convívio com elas ocorre de maneira tranquila, prazerosa e aparentemente segura. Aos poucos, nossa visão é furtada, corpo dominado, mente manipulada, imaginário invadido e tudo que parecia ser nosso, não é mais. As sedutoras e hipnotizantes imagens levantam seu império entre os homens. Devemos devorar ou sermos devorados por elas? Norval Baitello Junior decide pensar sobre o assunto e lança *A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura*.

A obra trata das relações entre corpos e imagens vivendo o que autor chama de “iconofagia”, processo em que ora as imagens devoram os homens e ora eles as devora, muitas vezes simultaneamente. Discute sobre a proliferação desequilibrada e o advento das imagens repetidas, o abandono do corpo em prol de uma existência fixada nas imagens, o “estar sentando” como principal postura do homem na atualidade, a crise da visibilidade e a cultura do ouvir. Faz um alerta, para o risco que a sociedade sofre com absorção de signos e símbolos, onde muitos são mentirosos e corrosivos. Sugere que, o homem ao ser aprisionado pelas imagens terá que ser confiante, seguro de suas ações, nutrido de otimismo, heroísmo e até mesmo de imagens que tenham profundidade e invencibilidade.

Para o autor é primordial a presença de olhares transversais para o mundo que frontalmente e facilmente se deslumbra com os próprios dígitos. Pensar sobre esses olhares foi um dos motivos que o levou a escrever essa obra que nasceu de reuniões

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB. E-mail: mercicleide@gmail.com

onde pensamentos críticos refletiam sobre os meios de comunicação e seus efeitos na sociedade.

Esse é um daqueles livros em que o leitor é despertado e atraído do início ao fim, a sensação ao concluir a leitura é que ela poderia ser mais longa. Cada conceito, dado, levantamento e problematização são ancorados em pesquisas e teorias de autores renomados que abrangem as mais diversas áreas do conhecimento. São citados quase vinte estudiosos, entre eles, Harry Pros, Walter Benjamim, Karl Kraus e Dietmar Kamper. É visível a seriedade, zelo e domínio com que o autor aborda os assuntos tratados.

Norval Baitello Junior é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Livre de Berlim e professor na Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo. Foi professor convidado das Universidades de Viena, S. Petersburgo, Sevilha e Évora.

A obra em questão é dividida em duas partes. A primeira, *A comunicação, a violência e seus dialetos*, com seis capítulos. A segunda, *A comunicação, seus trânsitos e transformações*, com cinco. Em cada capítulo há três títulos, o primário (escrito em itálico), secundário (caixa alta) e terciário (negrito). Talvez, essa estrutura esteja relacionada aos três tipos de mídia defendidos pelo autor.

Antes de partir para as ideias principais de cada capítulo, traremos observações sobre a obra. Da bomba de Hiroxima, disco de vinil, ovelhas, satélite, jornais, TV de plasma, velas, armas, índios, atiradores e uma cobra, são algumas das imagens expostas num colorido painel que contorna e parece sufocar o título do livro escrito em vermelho e caixa alta. Essa cor simboliza alerta, poder, desejo, paixão; é usada pela publicidade para o estímulo a tomada de decisões e o consumo, presente nos sinais de trânsito, ambulâncias, marcas de alimentos, bandeiras de espírito revolucionário. A escolha é proposital, convidativa e premonitória.

Do sumário ao índice temático, há do lado superior esquerdo o símbolo do correio eletrônico conhecido por “aroba”, a imagem visivelmente grande e certamente furta o olhar de cada leitor. Além desse espaço, habita a lateral das páginas, entre os números e o título. Nesse canto, o tamanho é reduzido, repetitivo, atraente e propositalmente colocado. Inicia-se um sutil momento de “iconofagia”, num momento o olhar observar (a imagem) no outro é observado. Na abertura dos capítulos,

fotografias comprovam a violenta ocupação das imagens em fachadas suntuosas de igrejas e em velhas lixeiras. Do espaço nobre ou pobre, elas ocupam todas as brechas. Cada elemento dialoga entre si, amplia nossas ideias e reforçar as afirmações do autor.

O capítulo inicial, intitulado *A ocidentação*, aborda o advento das imagens repetidas em espaço público onde criam um trânsito em superexposição e pouco contribuem. O resultado é a perda do poder de apelo de algumas imagens e a explosão da crise da visibilidade. A solução parece estar na reprodução em um volume ainda maior. Outro ponto abordado é trata-se os símbolos como sínteses sociais que carregam papel construtivo ou destrutivo. Quando portam ou corporificam valores criam laços entre homens e suas origens históricas e culturais.

No entanto, quando se esvaziam, levantam discussões relacionadas aos valores de uma cultura e apontam para possíveis falsos sucessores. Cada símbolo luta contra a invisibilidade e a falência. Enquanto isso, corpos racionais transformam-se em expositores de imagens e integram uma nova lógica de produção. Em paralelo, a comunicação à distância auxiliada por máquinas simulam uma aproximação e confundem o senso de orientação.

O capítulo seguinte, *A senilização*, discute o tema da violência contra criança, jovem e adolescente. O conceito de violência ao ser ampliado acende uma luz que flagra a “violência lapidada”, que é apontada por Walter Benjamin como uma das formas de manifestação de “caráter destrutivo” que se mostra “alegre e jovem” através de símbolos. Dentro dessa senilização, adultos são estimulados a prolongar sua juventude. Já, crianças e adolescentes são invadidas pelas imagens que incentivam a maturidade. Assim, estende-se o tempo em prol do consumo e expulsa os sinais de velhice. O perigo é construir um futuro sem sabedoria.

No terceiro momento, *A sedação*, o autor apresenta três tipos de mídia, o corpo é a primária e a sobancelha o órgão comunicativo à distância. Ele se baseia em premissas de Harry Pross e Dieter Wyss, esses estudiosos não consideram o jornal impresso, TV, rádio, cinema e internet como os únicos meios de comunicação. O corpo humano ao portar-se de memória, habilidade, história e cultura ocupa tanto a ponta geradora da comunicação quanto à ponta alvo. O corpo para ser presente em sua ausência cria marcas e assim os desenhos rupestres tornam-se mídia secundária.

Da eletricidade desponta a terciária (do telegrafo ao computador). O homem deixa de saltar para andar e logo a sentar. Para manter-se sentado são construídos lugares de formação, informação e entretenimento que trazem recursos de sedação por meio das imagens. Com isso, nasce o pensamento sentado (um agir acomodado) que tem dificuldades de interpretar o mundo a sua volta. O autor sugere que a sociedade volte a ter o pensamento em pé.

No quarto capítulo, *A perda do presente*, cita-se o estudo do antropólogo e anatomista Ashley Montagu, que defende a importância dos sentidos de proximidade (tato, paladar e olfato). Nos dias atuais, a “comunicação moderna” explora intensivamente os sentidos da distância (audição e visão) e levam ao fenômeno da “perda do presente”. Nota-se o tempo presente se desdobrando em muitas dimensões em um curto período de tempo.

Na reflexão sobre, *A cultura do eco*, as imagens são consideradas fantasmagóricas em sua origem mais remota e possuem faces invisíveis escondidas na sombra, o que é enxergado é apenas o permitido. De forma gradativa a visão passa a ser receptora de superfícies planas e dependentes da bidimensionalidade. Com a reprodutibilidade as imagens detectam com mais rapidez suas vítimas, consomem seus corpos e os transforma em imagens das imagens como reprodução que ecoa, quebra laços e desvaloriza as diferenças.

No último capítulo da primeira parte, *O corpo em quiasma*, o autor afirma que além dos corpos (bomba, química, máquina, projeto e outros) criados em nosso tempo, surgiu uma nova configuração que considera apenas a existência do corpo e o transforma num ponto, num número que o quantifica estatisticamente no espaço virtual. Esse corpo contemporâneo é destituído de corporeidade, é um corpo não corpo, uma presença não física, um quiasma.

O primeiro capítulo da segunda parte, *Os vínculos e a comunicação*, trás o nascimento como inauguração da comunicação e a capacidade comunicativa como algo não é exclusivo da raça humana. Os processos comunicativos formam sistemas de vinculação entre indivíduos que circulam por mídias tendo o imaginário alimentado, os sentidos aprisionados e o tempo fragmentado em pequenos tempos que correm ágeis quando presente na mídia terciária.

O ponto seguinte, *O espaço nulodimensional*, reflete sobre os tipos de mídia, o espaço nulo e o tempo lento da escrita como momento para reflexão e retrospectão em que portas são abertas para outras escritas. Ao reportar mais uma vez sobre as mídias, afirma que o corpo é o representante do tempo presente, já a mídia secundária é responsável pela sobrevivência simbólica com a ausência do corpo, enquanto a terciária é causadora, por aos poucos, anular o transporte físico da mensagem e acelerar o tempo.

O terceiro momento, *A crise da visibilidade*, faz um alerta para a exacerbação no culto as imagens. A cultura da imagem transforma o tridimensional em planos e superfícies imagéticas, condiciona o olhar para superfícies rasas, limita o corpo a “observador da observação”, transfere as experiências humanas para as imagens que congelam em um eterno presente que esta ausente, quanto mais visibilidade mais também invisibilidade e crise.

O penúltimo capítulo, *A iconofagia*, inicia com a frase “A vida é devoração pura” de Oswald de Andrade. São conceituados dois tipos de antropofagia, a pura (corpos devoram corpos, todo corpo reprodutor doa algo de si para a construção do outro) e a impura (as imagens devoram os corpos, o indivíduo que se alimenta de imagens é também alimento delas). De contra partida, a iconofagia pura (imagens devoram imagens precedentes como referência para construção de um novo conjunto) e a impura (corpos protagonizam o devoramento das imagens). É desconsiderado o canibalismo e a devoração ritual do outro. Baitello pretende amplificar e diferenciar o conceito de antropofagia tratado por Oswald de Andrade, quer com isso “demonstrar que as operações de interação, por ele denominadas, “antropofagia”, e aquelas que denomino aqui “iconofagia” constituem categorias pertencentes ao universo cultural da comunicação e merecem atenção de sua respectiva ciência” (p.128).

Durante toda leitura o assunto sobre imagem reinou de forma soberana. No último capítulo, a abordagem parte para o campo, *A cultura do ouvir*. A sociedade contemporânea vive profundamente, até a última de suas fibras, dentro do universo visual, e trata de forma equivocada o som como um coadjuvante. Enquanto a imagem destina-se a retina, o som penetra tanto a audição quanto a pele e através da vibração estimula sensações. O ouvir esta mais vinculada ao sentir, já ver a ação do fazer. Essas ações perceptivas combinatórias valorizadas em um mesmo plano são aptas a conduzir o homem a experiências mais intrínsecas, nexos mais valorativos, redescobertas da

necessidade de uma nova cultura do ouvir, levando-o a exercitar novos sentidos e conseqüentemente a um novo sentir.

O livro floresce a cada contato, aciona sinal de alerta para inúmeras questões, detecta armadilhas presentes na vida do consumo, ilumina novos conceitos e reafirma a importância dos já conhecidos, desdobra-se entre linguagem acessível e densa, cerca-se de respeitáveis estudiosos e através de uma sinfonia de informações direciona o pensamento do leitor para a alarmante presença das imagens. A contribuição da obra ultrapassa não se limita apenas ao campo da comunicação, ela deságua na psicologia, educação, antropologia, sociologia e história. Afinal, muitas das informações que circulam entre as páginas são também percebidas e analisadas por essas áreas. Através de um olhar inteligente, observado, crítico e inquietante os textos são construídos de forma objetiva, coerente, lúcida e atual.

Enfim, o que desejamos é que: todo processo iconofágico seja respeitoso com ambas as partes, o homem não permita ser sedado por falsas promessas, crianças e adolescentes sejam poupadas da violência de qual nível for, os vínculos comunicativos favoreçam de forma horizontal as plurais relações humanas, cada crise seja solucionada de maneira inteligente, o ouvir ocupe seu espaço por direito e o ver seja mais seletivo, o tempo presente não se perca e nem se divida tanto, todo corpo fino ou gordo, comprido ou pequeno, branco ou negro, rico ou pobre, tenha espaço nesse mundo onde sempre caberão todos.